

ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DAS CONSTRUÇÕES COM *JÁ*

ANA CRISTINA M. LOPES

Este trabalho visa contribuir para a identificação e caracterização dos diversos valores que o operador *já* pode assumir no PE contemporâneo. A estrutura do trabalho é a seguinte: num primeiro momento, analisam-se as construções em que *já* funciona como adjunto adverbial temporal, e circunscrevem-se dois valores distintos, um valor de localização temporal e um valor aspectual. Seguidamente, analisam-se construções em que surgem valores não temporais associados a *já*: um valor de localização numa escala predicativa e um valor contrastivo, em contextos de conexão interproposicional. Finalmente, descreve-se o valor semântico da conexão discursiva que a expressão *já que* permite construir e analisam-se os contextos de ocorrência da expressão *já agora*, delimitando brevemente a sua especificidade no âmbito da estrutura temático-informacional do texto. Sempre que possível, assinalam-se os nexos que interligam os diferentes valores.

Os dados empíricos utilizados neste trabalho integram exemplos construídos e exemplos recolhidos no CRPC¹.

¹ Agradeço ao CLUL a rápida disponibilização de ocorrências contextualizadas de *já* num sub-corpus oral e num sub-corpus escrito, a partir do CRPC. A amostra utilizada, relativa ao sub-corpus oral, corresponde a 5% do total de ocorrências obtido, e a amostra relativa ao sub-corpus escrito equivale a 2,5% do total de ocorrências.

1. Valores temporais

1.1. Localizador temporal

Tomando como ponto de partida a proposta de Kamp e Reyle (1993), diremos que a localização temporal de um estado de coisas envolve a consideração de um ponto de referência ou de ancoragem, situado numa das três esferas temporais (Presente, Passado ou Futuro), e o estabelecimento de uma relação de ordem (anterioridade, posterioridade ou sobreposição) relativamente a esse ponto. Os recursos linguísticos que exprimem a localização temporal são os tempos verbais e os adverbiais localizadores. Neste parágrafo, analisa-se o valor localizador do adverbial temporal *já*.

Vejam-se os exemplos (1) e (2):

- (1) Voltamos já.
- (2) «Vou já. Vai indo adiante que eu vou já» [1065-02-F01-001-41-F-L-1-1-0]

Semanticamente, *já* contribui para a localização temporal do evento descrito na frase em que ocorre. Com efeito, frases deste tipo podem funcionar como resposta a uma interrogativa parcial introduzida por *quando*, sendo *já* substituível por outros adverbiais localizadores (*amanhã*, *no próximo domingo*, *no dia 23 de Agosto de 2000*, etc.).

Já localiza o evento num intervalo de tempo posterior ao intervalo de tempo da enunciação, e expressa uma distância mínima entre esses dois intervalos; podemos mesmo afirmar que se trata de intervalos contíguos ou adjacentes. O intervalo de tempo da enunciação é, pois, o ponto de referência a partir do qual se estabelece uma relação de posterioridade; a distância entre esse ponto de ancoragem e o intervalo identificado por *já* não é determinada de forma precisa, o que se reflecte na paráfrase que de forma mais aproximada traduz o valor semântico do advérbio: 'daqui a muito pouco tempo'.

Indexado ao tempo da enunciação, *já* é assim um adverbial temporal dependente, referencialmente não autónomo. Em PE contemporâneo, *já* só funciona como localizador temporal quando combinado com verbos não estativos no presente simples do indicativo (com valor de futu-

ro), e a sua posição típica é pós-verbal². Veja-se a agramaticalidade de (3), (4) e (5):

- (3) *Voltei já.³
- (4) *Ele disse ontem que voltava já.
- (5) A próxima consulta é daqui a dois meses; *ele voltará já.

Em (3), há uma incompatibilidade entre o valor de posterioridade relativamente ao tempo de enunciação expresso por *já* e o valor de anterioridade relativamente ao mesmo ponto de ancoragem expresso pelo Pretérito Perfeito Simples (doravante, PPS) *voltei*.

Em (4), o ponto de ancoragem situa-se na esfera do Passado: é o intervalo de tempo circunscrito pelo PPS *disse*, incluído no intervalo mais amplo, mas igualmente pertencente à esfera do Passado, identificado pelo adverbial *ontem*; a situação descrita na oração encaixada situa-se num intervalo posterior a esse ponto. Para marcar uma distância mínima entre os dois intervalos relevantes, a construção aceitável seria (4a):

- (4a) Ele disse ontem que voltava logo a seguir.

Em (5), o ponto de ancoragem situa-se na esfera do Futuro. Para se expressar uma relação de posterioridade face a esse ponto, com a restrição de ser mínima a distância entre ele e o intervalo relevante, a construção gramatical seria (5a):

- (5a) A próxima consulta é daqui a dois meses; ele voltará logo a seguir.

Até agora, aduzimos argumentos tendentes a validar a afirmação de que *já* só funciona como localizador temporal quando combinado com verbos no Presente. Mas há uma restrição suplementar: como acima dissemos, os ver-

² Trata-se da posição típica, mas é possível uma outra posição: a frase *Já voltamos* é semanticamente equivalente ao nosso exemplo (1).

³ Note-se que seria perfeitamente aceitável/gramatical a construção 'Já voltei', mas neste contexto *já* não localiza temporalmente, antes expressa um valor aspectual, como se analisará no parágrafo seguinte.

bos com que pode co-ocorrer têm de ser não-estativos. Prova de que o predicador verbal tem de ser não estativo é dada pela impossibilidade de interpretar (6) como descrição de uma situação situada num futuro próximo:

(6) *Sei já francês.

Note-se, entretanto, que há contextos de interpretação ambígua, como (7) ilustra claramente:

(7) Já comemos a sopa.

Com efeito, tanto podemos interpretar *já* como um operador de localização temporal, com o valor acima descrito, como podemos afectar-lhe um valor predominantemente aspectual, de tipo perfectivo (no parágrafo seguinte, analisaremos mais aprofundadamente os valores aspectuais do operador). Importa sublinhar que esta ambiguidade só surge quando *já* ocupa uma posição pré-verbal e as formas de Presente e de PPS do verbo são homónimas. Em (7a), a simples posposição de *já* cancela a ambiguidade, sendo apenas activada a leitura localizadora; em (8), o facto de se identificar automaticamente a forma de PPS exclui de imediato esta última leitura:

(7a) Comemos já a sopa.

(8) Já fizemos o trabalho.

Em suma: enquanto adjunto adverbial temporal, *já* contribui, juntamente com a flexão verbal, para a localização temporal da situação representada na frase em que ocorre. Assim sendo, pode ser descrito em termos verocondicionais.

É ainda este valor temporal que se actualiza na expressão *até já*, característica dos rituais de despedida da interacção verbal quotidiana no português europeu (PE) contemporâneo⁴.

No sub-corpus oral do CRPC que nos foi facultado, num total de 259 ocorrências de *já*, apenas 6 correspondem ao valor que acabou de ser descri-

⁴ No PE, com este valor, *já* nunca é comutável com *logo*. Julgo que no PB a comutação é possível e apoio esta minha asserção na definição da semântica de *logo* apresentada por Neves (1993: 280).

to. No sub-corpus escrito, num total de 103 ocorrências, apenas encontramos 2 com o valor em apreço. Não parece, pois, produtivo este valor de *já*, no PE contemporâneo.

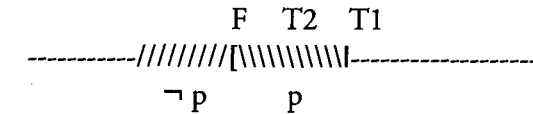
1.2. Operador aspectual

Em posição pré-verbal, o valor dominante de *já* é claramente de natureza aspectual. A caracterização deste valor envolve a análise das compatibilidades de co-ocorrência de *já* com diferentes classes de *aktionsart*. Será utilizada neste trabalho a clássica tipologia de Vendler (1967).

Vejamos então, num primeiro momento, qual a contribuição de *já* para a semântica de frases que descrevem situações estativas. Atente-se no exemplo (9):

(9) A Ana já vive em Coimbra.

Diagramaticamente, a interpretação desta frase pode ser assim representada:



A frase representa um estado que se localiza num intervalo de tempo (T2) que se sobrepõe ao tempo da enunciação (T1). Não é ao nível da localização temporal estrita que *já* opera nesta frase; o adverbial expressa informação acerca das fronteiras do intervalo de tempo relevante, especificando a sua estrutura interna. Nesta medida, é um operador aspectual: marca uma transição, uma fronteira (F) de uma fase negativa de um estado ($\neg p$, *não viver em Coimbra*) para uma fase positiva desse estado (p, *viver em Coimbra*). Por outras palavras, *já* marca uma fronteira à esquerda, que coincide com a terminação de um estado anterior correspondente à negação do estado que está a ser descrito na frase. O predicador estativo escolhido em (9) envolve na sua denotação um estado temporário e faseável⁵. Se seleccionarmos um

⁵ A distinção entre predicadores de estados faseáveis e predicadores de estados permanentes corresponde *grossa modo* à distinção estabelecida por Carlson (1977) entre predicados aplicáveis a indivíduos e predicados aplicáveis a fases temporalmente delimitadas de indivíduos.

predicador que descreve estados permanentes, a compatibilidade com *já* é bloqueada:

(10) *O Pedro já tem olhos verdes.

Por outro lado, *já* também é incompatível com descrições de estados que, mesmo sendo temporários, não podem ser precedidos por estados contrários, de acordo com o nosso conhecimento do mundo. Atente-se na agramaticalidade, do ponto de vista semântico, dos exemplos seguintes:

(11) *Ela já é nova.

(12) *Já é cedo.

Vejamos agora as compatibilidades de *já* com descrições de eventos, a partir dos exemplos (13), (14) e (15):

(13) O João já nadou.

(14) A Maria já escreveu a carta.

(15) O Paulo já atingiu a meta.

Em (13), a expressão predicativa pertence à classe das actividades. Em contexto zero, a interpretação mais plausível parece ser estativa; com efeito, a frase parece significar que o João, no passado, teve a propriedade de ser nadador. Ou seja, nesta leitura, implica-se que, agora, o João (já) não nada/não é nadador. Esta análise reconduz-nos ao funcionamento de *já* descrito no início deste parágrafo e representado sob forma diagramática. Outra interpretação possível de (13), cuja activação exigiria eventualmente uma contextualização mais circunstanciada, seria a seguinte: sabendo nós que o João nada todos os dias durante uma hora, a frase (13) significaria que essa actividade foi realizada e está, portanto, concluída, sendo focalizado como temporalmente relevante o intervalo de tempo subsequente à fronteira final da referida actividade. Nesta interpretação, *já* reforça o valor perfectivo associado ao PPS, na medida em que pressupõe uma fronteira final que fecha a situação descrita, e simultaneamente situa o ponto de referência da operação localizadora (ou seja, o intervalo de tempo da enunciação) no intervalo subsequente à terminação dessa situação.

Em (14), *já* co-ocorre com uma expressão predicativa integrável na classe dos *accomplishments* e promove a representação do estado resultante da culminação do evento. Assim, (14) autoriza a inferência (14a):

(14a) A carta está escrita.

Em (15), a expressão predicativa pertence à classe dos *achievements*; tal como em (14), a ocorrência de *já* focaliza o estado resultante subsequente à culminação, sendo igualmente autorizada a inferência (15a):

(15a) A meta foi atingida.

Generalizando, diríamos que a combinação de *já* com descrições de eventos dá sempre origem a uma descrição perfectiva ou acabada do evento. É o estado consequente que se focaliza e se apresenta como relevante, e nele está situado o ponto de ancoragem que preside à localização, expressa pela flexão verbal.

Nos exemplos apresentados até agora, o ponto de ancoragem para a localização temporal tem sido o momento da enunciação. No entanto, *já* pode igualmente ocorrer em construções cujo ponto de ancoragem pertence a outras esferas temporais que não a do Presente. Vejam-se os exemplos seguintes:

(16) Quando o telefone tocou, o João já tinha chegado,

(17) Quando começarem as férias do Natal, o João já terá chegado.

Em (16), o ponto de referência pertence à esfera do Passado e é circunscrito pelo PPS; *já* inclui esse ponto de referência no intervalo que corresponde ao estado resultante da culminação do evento representado na oração principal. Em (17), o ponto de referência pertence à esfera do Futuro, sendo circunscrito pelo Futuro do Conjuntivo; a contribuição de *já* para o significado da frase mantém-se: o intervalo de tempo que corresponde ao início das férias do Natal está incluído no intervalo de tempo correspondente ao estado subsequente à culminação do evento *chegada do João*.

Em todos estes contextos, *já* torna informacionalmente relevante o facto de não haver sobreposição entre a fronteira final do evento culminado e o ponto de referência⁶.

⁶ Como afirma Campos (1997: 50), em contextos deste tipo «a operação subjacente a *já* vem [...] acentuar a anterioridade do segundo processo em relação ao primeiro pelo reforço da construção da distância entre T² e T³» [sendo T² a fronteira de fechamento do processo e T³ o intervalo a que pertence o ponto de ancoragem].

Enquanto operador aspectual, *já* manifesta algumas propriedades semânticas que importa realçar. A negação externa da proposição em que ocorre envolve o recurso à expressão *ainda não*, como a seguir se ilustra:

(18) O João já dorme.

(19) Não é verdade que o João já dorme = O João ainda não dorme.

De acordo com Löbner (1989), *já* e *ainda* funcionam como operadores duais⁷, dado que dão origem às seguintes relações de equivalência entre proposições:

- (i) $já (\neg p) \Leftrightarrow \neg (\text{ainda } p)$
 (ii) $\neg (já p) \Leftrightarrow \text{ainda } (\neg p)$

Ainda segundo Löbner, o operador aspectual *já* funciona como um quantificador de fase, sendo a noção de quantificação de fase definida nos seguintes termos: «a very simple way of modifying yes/no predications by focusing on the transition from a positive to a negative phase (or vice versa) on some scale» (1989: 167)⁸. Nesta perspectiva, e retomando o exemplo de *já* em frases estativas, as condições de verdade de (9) seriam as seguintes: *p* é verdadeira se o estado descrito em *p* se verificar em T1, e se houver um tempo T anterior a T1 ($T < T1$), tal que T marca a fronteira final de um estado $\neg p$.

Voltando agora aos exemplos que envolvem a co-ocorrência de *já* com descrições de eventos que comportam uma culminação, verificamos que *já* focaliza como relevante o estado subsequente, resultante da culminação desse evento. *Já* reforça a marcação da fronteira final do evento, funcionando como operador de perfectividade. Se considerarmos que um evento envolve mudança, transição de um estado para outro, as condições de verdade seriam idênticas às das construções estativas, sendo T o tempo correspondente à culminação do evento.

Nos casos de co-ocorrência de *já* com descrições de actividades, a marcação de fronteira final impõe um valor terminativo à actividade: se o João

⁷ «Duality always involves two negations: the «inner negation» of the operand and the «outer negation» of the operator. Two operators are dual iff the inner negation of one is equivalent to the outer negation of the other» (Löbner 1989: 172).

⁸ Entende-se por *escala* um conjunto com uma ordenação linear.

já correu, isso significa que ele esteve a correr num intervalo de tempo anterior ao ponto de referência e que não está a correr no intervalo de tempo relevante, que inclui o ponto de referência. Parece, pois, que o valor transicional, de marcação de fronteira de fase assinalado por Löbner permite dar conta do valor semântico básico de *já*.

Em síntese, diremos que nos seus usos aspectuais típicos, *já* expressa informação acerca da estrutura temporal interna do intervalo de tempo relevante, marcando uma fronteira entre um estado anterior e um estado resultante, sendo essa fronteira a culminação de um evento, e assinalando que não é nula a distância entre a fronteira e o ponto de referência da localização temporal.

Para a caracterização semântica de *já*, importa ainda assinalar que este advérbio (tal como *ainda*) é um activador pressuposicional⁹, uma vez que estabelece uma conexão entre a proposição expressa e uma outra, implícita mas facilmente recuperável. Assim, e retomando o exemplo (18), a frase asserir que o João está a dormir em T1 e pressupõe que num intervalo T, anterior a T1, o João não estava a dormir.

Nos dados do CRPC, o valor aspectual que temos vindo a analisar é, sem margem de dúvida, o valor mais recorrente de *já* (48 ocorrências sub-corpus escrito e 178 no sub-corpus oral). Se se considerar que a frequência é um índice de prototipicidade, então este é, seguramente, o valor prototípico de *já*, no PE contemporâneo.

2. Valores não temporais

2.1. Valor avaliativo?

Nalguns estudos consagrados a *já* (e a *ainda*)¹⁰, menciona-se um componente adicional do seu significado, concretamente um componente avaliativo: *já p* expressaria uma avaliação do falante, que consideraria a situação

⁹ Sem entrar na discussão sobre o que distingue uma pressuposição de uma implicatura convencional, tópico controverso na literatura disponível, direi apenas, na esteira de König (1991), que, se uma frase A pressupõe uma frase B, não é possível asserir A deixando em aberto a possibilidade de não-B. Sobre o estatuto de activador pressuposicional deste advérbio, veja-se Löbner (1989), König (1991), Auwera (1993).

¹⁰ Veja-se, por exemplo, Auwera (1993).

como precoce relativamente a uma expectativa ou a uma norma, e *ainda p* sinalizaria uma avaliação de sentido oposto. No entanto, a meu ver, só contextualmente se pode computar esse valor, o que significa que se trata de uma implicatura conversacional, baseada num princípio pragmático assimilável à máxima griceana da relevância. Como afirma König, na esteira de Löbner (1987), «that such evaluations may indeed be expressed is simply a consequence of the fact that sentences with these expressions are used with particular relevance in situations where the relevant transition or lack of transition from one phase to another is in contrast to what is expected» (1991: 146). Em contexto zero, ou seja, se as expectativas do falante não fizerem parte do saber compartilhado, das assunções contextuais ou de *background*, tal componente avaliativo não me parece activado. A prová-lo, confrontem-se os enunciados (21) e (22):

(21) O Pedro já chegou a Lisboa.

(22) O Pedro chegou finalmente a Lisboa.

Em (22), *finalmente* lexicaliza, de facto, uma avaliação por parte do falante: a culminação do evento é avaliada como relativamente tardia face a uma expectativa. Seria inaceitável uma continuidade discursiva como a que a seguir se indica:

(22a) O Pedro chegou finalmente a Lisboa. *Aliás, não se esperava que chegasse mais cedo.

Em (21), e na ausência de informações contextuais, nada se diz acerca do carácter precoce ou tardio da culminação do evento. Se houvesse efectivamente a expressão de uma avaliação em termos de precocidade, uma sequência discursiva como aquela que se apresenta em (21a) seria redundante, o que não parece ser o caso:

(21a) O Pedro já chegou a Lisboa. Veio mais cedo do que se esperava.

Assim, a avaliação em termos de precocidade parece ser uma inferência pragmaticamente calculada; como tal, não integra o significado convencional do item.

2.2. Valor escalar

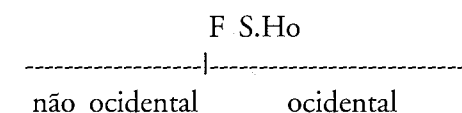
Veja-se agora o enunciado (23):

(23) «O Stanley Ho já é um tipo ocidental [...]» [539-03-B00-009-35-F-L-3-6-00]

Um enunciado deste tipo significa que o indivíduo em questão, embora não seja um ocidental típico, verifica um conjunto mínimo de propriedades que permitem incluí-lo na categoria dos ocidentais.

O eixo temporal é aqui substituído por um predicado conceptualizado em termos escalares ou graduáveis, que envolve uma fronteira (F) entre dois sub-domínios, *não ser ocidental* e *ser ocidental*; a entidade envolvida na denotação do argumento do predicado escalar é situada perto da fronteira, numa zona que corresponde ao início do sub-domínio *ser ocidental*; deste modo, evidencia-se que a entidade em questão só verifica um reduzido conjunto das propriedades que configuram o protótipo da categoria *ser ocidental*. E isto porque cada um dos sub-domínios é conceptualizado como uma ordenação linear de conjuntos de propriedades; assim, numa representação diagramática como aquela que a seguir se apresenta, quanto mais à direita de F for localizada uma entidade, tanto mais próxima estará do protótipo do ocidental.

Diagramaticamente, poderíamos propor a seguinte representação:



Note-se que uma frase como (23) só é adequadamente usada num contexto em que outras entidades são referenciadas, nomeadamente entidades que se situam no subdomínio *não ser ocidental*. É justamente o que nos mostra a contextualização do exemplo: contrasta-se Stanley Ho com Ho In, tendo em conta o parâmetro 'ocidentalidade'.

Uma análise de *já* como quantificador de fase, de acordo com a proposta de Löbner acima apresentada, permite descrever e explicar usos deste tipo. Sendo distinta a natureza da escala (num caso, o eixo do tempo, no outro, uma propriedade concebida em termos escalares), é idêntica a operação semântica realizada pelo operador: ele continua a marcar uma transição entre uma fase negativa e uma fase positiva na escala, e permite situar ou localizar uma entidade numa dessas fases. Os argumentos do predicado escalar desem-

penham um papel idêntico ao dos intervalos de tempo (representados por T e T1) nos exemplos comentados em 1.2. Verifica-se, assim, que entre o uso aspectual e o uso escalar 'nocial' aqui ilustrado existe uma forte convergência: há uma invariância ao nível do funcionamento semântico do advérbio, sendo variável apenas o domínio em que opera. De qualquer modo, também aqui, tal como no caso dos valores aspectuais, se verifica que *já* e *ainda* funcionam como operadores duais¹¹:

(23a) Não é verdade que o Stanley Ho já seja um tipo ocidental = O Stanley Ho ainda não é um tipo ocidental.

(23b) O Stanley Ho já não é um tipo ocidental = Não é verdade que o Stanley Ho ainda seja um tipo ocidental.

Nos exemplos do CRPC, encontram-se apenas 6 ocorrências de *já* com este valor, no sub-corpus oral. Não há ocorrências análogas no sub-corpus escrito, o que pode resultar apenas do carácter aleatório da amostragem. No entanto, e com as reservas devidas, os dados parecem apontar para o fraco rendimento deste valor, no PE contemporâneo.

2.3. Valor contrastivo

Em determinados contextos, *já* contribui para marcar uma relação de contraste entre duas proposições e funciona como conector discursivo, como se ilustra em (24):

(24) O Pedro é preguiçoso; já o irmão é trabalhador.

Note-se que *já* reforça a contrastividade que se verifica ao nível dos conteúdos proposicionais das duas frases. Com efeito, há uma relação semântica de oposição entre os predicadores 'preguiçoso' e 'trabalhador', que parece indispensável ao uso adequado do operador *já*. Construções deste tipo envolvem uma comparação implícita entre entidades ou situações: só se po-

¹¹ Sobre o funcionamento de *ainda* no PE, veja-se Lopes (2000). Neste trabalho, utilizei a expressão 'localização na fronteira de um domínio nocial' para designar o valor de *ainda* equivalente ao valor escalar de *já* agora contemplado.

dem contrastar entidades ou situações se entre elas se estabelecer uma comparação prévia, a partir da qual se conclui que detêm propriedades opostas, numo determinado domínio semântico. Seria agramatical, do ponto de vista semântico, a sequência (25), uma vez que os predicadores não pertencem ao mesmo domínio semântico:

(25) *O Pedro é preguiçoso; já o irmão é alto.

Igualmente mal-formada seria a sequência (26), dada a inexistência de predicadores de polaridade oposta:

(26) *O Pedro é preguiçoso; já o irmão é preguiçoso.

O valor de contrastividade decorre, então, do facto de estarmos perante uma conexão entre proposições semanticamente opostas¹². Importa realçar que, com este valor contrastivo, *já* só pode ocorrer no início da segunda proposição, como se prova pela agramaticalidade de (24a):

(24a) *Já o irmão é trabalhador; o Pedro é preguiçoso.

Parece-me pertinente equacionar a diferença semântica que resulta da posição de *já* na frase, confrontando (23) com (24). No exemplo (23), *já* ocupa uma posição pré-verbal e funciona como quantificador de fase, nos termos sugeridos por Löbner. Em (24), para além de estarmos perante um texto que resulta da conexão de duas proposições (o que desde logo configura uma diferença significativa), constatamos que *já* antecede um SN. Se na segunda frase de (24) deslocarmos *já* para uma posição pré-verbal, como se ilustra em (27), a interpretação semântica é substancialmente distinta:

(27) O Pedro é preguiçoso; o irmão já é trabalhador.

A interpretação da segunda frase de (27) é análoga à de (23): o locutor afirma que o irmão do Pedro instancia perifericamente, de forma não-

¹² Considero que duas proposições são semanticamente opostas quando numa delas ocorre um predicador C e na outra um predicador não-C ou D, sendo que de D se infere não-C. Dado que só em contextos deste tipo me parece gramatical o uso de *já* com este valor conectivo, não aceito o exemplo apresentado em Campos (1977: 77) e aqui reproduzido 'A Ana escreve ensaios, já o Rui também escreve ensaios'.

-prototípica, o predicado (ser) 'trabalhador'. Em (24), o locutor, ao iniciar a segunda frase com *já*, sinaliza que vai enunciar uma proposição que contrasta com a primeira, e sinaliza igualmente uma alteração de tópico frásico.

Em síntese, diremos que em contextos sintácticos como o de (24), *já* funciona como um conector discursivo e comporta uma instrução de processamento, na medida em que antecipa o nexos contrastivo que interliga as duas proposições constitutivas do texto. Simultaneamente, nestes contextos, *já* funciona também como marcador de transição temática, e, como tal, opera ao nível da estruturação temático-informacional do texto.

A análise quantitativa dos dados disponíveis do CRPC aponta para a escassa produtividade deste uso contrastivo de *já*. Encontrámos 1 ocorrência no sub-corpus escrito e 4 no sub-corpus oral. Veja-se o exemplo (28):

- (28) «Para o STE, «trata-se no fundo de uma nova Lei dos Disponíveis só que mais permissiva». Já a Frente Comum dos Sindicatos da Administração Pública reagiu de forma diferente. Esta estrutura mostrou-se satisfeita com o facto do Governo ter apresentado o ante-projecto para a revogação da lei dos disponíveis [...]» [J19177]

Neste exemplo, o tópico / tema discursivo é a reacção dos sindicatos a uma determinada medida do governo. As duas frases conectadas por *já* elaboram esse tópico, contrastando as entidades relevantes no universo de discurso em apreço (o STE e a Frente Comum) pela atribuição, a cada uma delas, de comportamentos distintos.

Não é de todo impossível depreender um nexos entre o valor semântico básico ou prototípico do operador aspectual e o valor abordado neste parágrafo. Com efeito, a transicionalidade marcada por *já* no eixo temporal parece agora projectada ao nível da estrutura temático-informacional do texto: *já* com valor contrastivo ocorre em textos cuja progressão temática envolve um hipertema do qual procedem pelo menos dois temas frásicos; *já* marca uma transição de tema frásico.

2.4. *Já que*: conector causal ou explicativo?

Habitualmente classificada nas gramáticas como locução conjuncional causal, *já que* tem, no entanto, um comportamento bastante distinto do da

conjunção causal prototípica *porque*¹³. Com efeito, como assinala Campos (1997: 84-87), a frase complexa em que ocorre *já que* não pode ser interrogada, ao contrário do que acontece com a construção que envolve *porque*. Vejam-se os exemplos (29) e (30), submetidos em (29a) e (30a) ao teste da interrogação:

- (29) «Claude viaja bem leve, já que todos os seus haveres são transportados num pequeno reboque» [JC14551]
- (30) Claude viaja bem leve porque todos os seus haveres são transportados num pequeno reboque.
- (29a) ??Claude viaja bem leve, já que todos os seus haveres são transportados num pequeno reboque?
- (30a) Claude viaja bem leve porque todos os seus haveres são transportados num pequeno reboque?

Por outro lado, a construção causal com *porque* admite uma interrogativa alternativa, o que não acontece com a construção com *já que*:

- (31) Claude viaja bem leve porque todos os seus haveres são transportados num pequeno reboque ou porque largou toda a sua bagagem?
- (32) *Claude viaja bem leve já que todos os seus haveres são transportados num pequeno reboque ou já que largou toda a sua bagagem?

Mais ainda, a construção causal com *porque* pode estar no escopo da negação externa da proposição, ao contrário do que acontece com a construção com *já que*:

- (33) Claude não viaja bem leve porque todos os seus haveres são transportados num pequeno reboque = Não é verdade [que [Claude viaje bem leve porque todos os seus haveres são transportados num pequeno reboque]]

¹³ É verdade que a conjunção *porque* também pode ser utilizada com um valor explicativo. No entanto, nas linhas que se seguem, limito-me a considerar o valor prototípico de *porque*, ou seja, o valor causal.

- (34) *Claude não viaja bem leve, já que todos os seus haveres são transportados num pequeno reboque.

O asterisco em (34) não significa que a construção seja agramatical ou inaceitável. Ela é interpretável, mas a única interpretação possível é aquela em que a negação apenas opera sobre a primeira proposição. O asterisco assinala a impossibilidade de uma interpretação em que toda a construção esteja no escopo da negação.

Se recorrermos ao teste da focalização, também encontramos diferenças significativas. Confronte-se (35) com (36):

- (35) *É já que todos os seus haveres são transportados num reboque pequeno que Claude viaja bem leve.
- (36) É porque todos os seus haveres são transportados num reboque pequeno que Claude viaja bem leve.

Verifica-se ainda que a construção com *porque* pode ocorrer como complemento encaixado de um verbo ou de um advérbio de frase, não se verificando a mesma possibilidade com *já que*.

- (37) O Pedro disse [que [Claude viaja bem leve porque todos os seus haveres são transportados num pequeno reboque]].
- (35) Possivelmente [Claude viaja bem leve porque todos os seus haveres são transportados num pequeno reboque].
- (38) ??O Pedro disse [que [Claude viaja bem leve, já que todos os seus haveres são transportados num pequeno reboque]].
- (39) *Possivelmente [Claude viaja bem leve, já que todos os seus haveres são transportados num pequeno reboque].

Descritas as principais diferenças no que toca ao comportamento sintático, importa avançar com uma hipótese explicativa, a nível semântico. Julgo que a conjunção *porque* se utiliza quando se visa expressar uma relação de causalidade entre estados de coisas do mundo. *Já que*, por seu turno, expressa uma relação entre um estado epistémico e um acto discursivo. Assim, uma

paráfrase aceitável de (29) seria: o motivo que me leva a afirmar que Claude viaja bem leve é o facto de eu saber que todos os seus haveres são transportados num pequeno reboque. Assim, ao enunciar a proposição introduzida por *já que*, o falante explicita a razão/ a causa que justifica ou explica a sua asserção inicial. Penso que a designação mais adequada para classificar a conexão discursiva em apreço é a de conexão explicativa¹⁴.

Quanto à distribuição quantitativa da locução *já que*, nos exemplos do CRPC, há 35 ocorrências no sub-corpus escrito e 2 no sub-corpus oral.

2.5. *Já agora: um marcador discursivo*

Apenas umas breves palavras para contemplar um último valor de *já*, desta feita em co-ocorrência com *agora*, num sintagma cristalizado que claramente funciona como marcador discursivo. Veja-se o exemplo (40):

- (40) «Já sabe, não guarde só para si o desgosto ou a revolta que lhe vai na alma e... desabafe connosco. A via para comunicar connosco é, claro, o email. Já agora, talvez pretenda que os seus elementos passem a constar da lista JN de emails» [J149015]

A expressão *já agora* introduz uma pequena digressão cujo ponto de partida é a informação que acabou de ser dada. Esta informação é transformada em tópico graças à ocorrência do marcador discursivo, e sobre este novo tópico será desenvolvido um comentário. É, pois, ao nível da organização da estrutura temático-informacional do discurso que este operador deverá ser analisado.

Contrariamente às expectativas, as ocorrências de *já agora* no CRPC não são abundantes: apenas três ocorrências no sub-corpus escrito.

3. *Considerações finais*

Parece-nos que a polifuncionalidade deste operador suscita uma reflexão futura balizada pelos seguintes vectores: por um lado, enquadramento da

¹⁴ Note-se que a informação prefaciada por *já que* é sempre informação apresentada como conhecida. Em francês, o conector *já que* seria traduzido por *puisque*, ao contrário de *porque*, que equivale a *parce que*.

variação de uso em sincronia no âmbito dos processos de gramaticalização; por outro lado, exploração mais aprofundada dos nexos que interligam os diferentes valores de *já*, numa perspectiva integradora que articule um significado prototípico e sucessivas derivações periféricas. Essa última tarefa envolve o recurso a um quadro teórico que contemple diferentes domínios de significação, nomeadamente um domínio referencial, um domínio interpessoal (susceptível de englobar um sub-domínio epistémico e um sub-domínio ilocutório) e um domínio textual.

BIBLIOGRAFIA

- AUWERA, J. van der, 1993, «*Already and still: beyond duality*», in *Linguistics and Philosophy*, 16, 6, pp. 613-153.
- CAMPOS, H. C., 1997, «Elementos para a definição de alguns invariantes da linguagem», in H. C. Campos, *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de linguística portuguesa*, Porto, Porto Editora, pp. 69-82.
- , 1977, «Le marqueur *já*: étude d'un phénomène aspectuel», in H. C. Campos, *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de linguística portuguesa*, Porto, Porto Editora, pp. 53-67.
- , 1997, «A enunciação do outro e a retórica das relações enunciadador-locutor construídas no texto», in H. C. Campos, *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de linguística portuguesa*, Porto, Porto Editora, pp. 83-91.
- KAMP, H., e RYLE, U., 1993, *From discourse to logic*, Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.
- KÖNIG, E., 1991, *The meaning of focus particles. A comparative perspective*, London, Routledge.
- LÖBNER, S., 1989, «German *schon, erst, noch*: an integrated analysis», in *Linguistics and Philosophy*, 12, pp. 167-212.
- LOPES, A. C. M., 2000, «*Ainda*», in E. Gärtner, C. Hundt e A. Schönberger (eds.), *Estudos de Gramática Portuguesa*, vol. III, Frankfurt am Main, TFM, pp. 65-87.
- NEVES, M. H. M., 1993, «Os advérbios circunstanciais de lugar e tempo», in R. Ilari (org.), *Gramática do Português Falado*, vol. II, Ed. da Unicamp, pp. 261-296.
- VENDLER, Z., 1967, *Linguistics in philosophy*, Ithaca, Cornell University Press.

A CATEGORIA GRAMATICAL DO GÊNERO: UNIVERSAIS, MUDANÇA E CRIOLIZAÇÃO

DANTE LUCCHESI

0. Introdução

A categoria gramatical do gênero apresenta-se de forma bastante diferenciada nas línguas naturais, quer em seus aspectos semânticos, quer em sua configuração morfológica. Em algumas línguas, constitui apenas um marcador gramatical sem qualquer implicação no plano do significado. Em outras, relaciona-se semanticamente ao chamado gênero natural (Corbett 1991). Mas, mesmo nesses casos, a correspondência entre as classes mórficas e os gêneros naturais não é, na maioria das vezes, exaustiva e coerente. Na formação das línguas românicas, verifica-se a passagem de um sistema tripartido encontrado no chamado latim clássico para um sistema fundado na oposição entre o masculino e o feminino, com o desaparecimento do neutro.

Focalizando especificamente o português e algumas línguas crioulas dele derivadas, este artigo abordará os seguintes tópicos:

- (i) o fortalecimento da morfologia do feminino ao longo do desenvolvimento interno da língua portuguesa, sobretudo com o surgimento de formas do feminino a partir de palavras comuns de dois gêneros;
- (ii) a perda da morfologia do gênero nos processos de crioulização da língua, nos crioulos de Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe;